



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS  
CAMPUS DE ARAGUAÍNA-TO  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**PABLO HENRIQUE CARDOSO RODRIGUES**

**REFLEXÕES SOBRE EXPERIÊNCIA EM PROGRAMA DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA**

**ARAGUAÍNA, TO  
2023**

**Pablo Henrique Cardoso Rodrigues**

**REFLEXÕES SOBRE EXPERIÊNCIA EM PROGRAMA DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA**

Memorial/Artigo apresentado à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Campus Universitário de Araguaína, para obtenção de título de licenciado em História.

Orientador: Dr. Dernival Venâncio Ramos Junior

**ARAGUAÍNA, TO  
2023**

## Ficha Catalográfica

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

H519r Henrique Cardoso Rodrigues, Pablo.  
REFLEXÕES SOBRE EXPERIÊNCIA EM PROGRAMA DE  
INICIAÇÃO CIENTÍFICA. / Pablo Henrique Cardoso Rodrigues. –  
Araguaína, TO, 2023.  
20 f.  
  
Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins –  
Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de História, 2023.  
Orientador: Dornival Venâncio Ramos Junior  
Coorientador: . . .  
  
1. PIBIC. 2. quintal produtivo. 3. Maria da Ilha. 4. memorial. I.  
Título

**CDD 901**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**


**Pablo Henrique Cardoso Rodrigues**

**REFLEXÕES SOBRE EXPERIÊNCIA EM PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA.**


Memorial/artigo apresentado a Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Campus Universitário de Araguaína para obtenção do título de licenciada em História foi avaliado para a obtenção do título de licenciada e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: \_\_\_\_13/12/2023


Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente  
 **DERNIVAL VENANCIO RAMOS JUNIOR**  
Data: 25/06/2024 08:06:09-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Orientador Dernal Venâncio Ramos Junior

Documento assinado digitalmente  
 **SARIZA OLIVEIRA CAETANO VENANCIO**  
Data: 24/06/2024 19:53:39-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Examinadora Sariza Oliveira Caetano Venâncio

Documento assinado digitalmente  
 **JOSIEL FERREIRA DOS SANTOS**  
Data: 25/06/2024 06:08:14-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Examinador Josiel Ferreira dos Santos

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu orientador, professor Dernival Venâncio Ramos Junior, no qual sempre me espelhei e que tenho como exemplo de profissional, que me orientou durante o PIBIC e me fez ter contato com diversas experiências acadêmicas marcantes. Como professor e como companheiro, minha sincera gratidão.

Em especial a professora doutora Sariza Oliveira Caetano Venâncio, que me deu a mão desde o primeiro período, que sempre me engajou nas dinâmicas da vida acadêmica e por ter fornecido arcabouço para escrita de cada linha deste trabalho. Por sua amizade, meu eterno agradecimento.

Aos meus amigos da faculdade, Douglas Silva, João Vitor, Amanda Araújo, Ana Paula, Maria de Lourdes, por fazerem das noites de aula momentos sempre especiais de discussão e descontração, agradeço por todo apoio e vivências que passamos juntos.

A Universidade Federal do Norte do Tocantins, e aos professores do colegiado de licenciatura em História, como ótimos profissionais, obrigado pela dedicação e conhecimentos transmitidos a mim.

Agradeço também a minha família, em especial a minha mãe, que sempre me forneceu estrutura e nunca me deixou baixar a cabeça perante as dificuldades. Também os meus amigos e familiares, dentro e fora da universidade, com quem sempre pude contar nos bons e maus momentos.

A todos aqui citados, por segurarem a minha mão nessa fase da minha vida, tenho apenas a agradecer, muito obrigado!

## **RESUMO**

O propósito do seguinte trabalho é realizar uma descrição de minha própria vivência como bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC, na Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT, durante o período de agosto de 2022 a agosto de 2023, através de uma análise crítico-reflexiva. Tem por objetivo transmitir uma vivência pessoal e acadêmica ao longo de um ano de atuação no programa, bem como experiências e percalços frente ao aprendizado durante todo o processo. A narrativa representa o Trabalho de Conclusão de Curso, conforme previsto no Projeto Político Pedagógico da instituição, em formato de memorial crítico-reflexivo. A explanação, inicia com uma autoidentificação, descrição do que é o programa e logo em seguida parte por descrever o decorrer processo, desde a entrada no programa, e resultados da pesquisa; finalizando com uma breve análise das atividades desenvolvidas e da experiência proporcionada pelo programa.

Palavras-Chave: PIBIC; quintal produtivo, Maria da Ilha, memorial

## **ABSTRACT**

The purpose of the following work is to provide a description of my own experience as a scholarship holder in the Institutional Program of Initiation Scholarships - PIBIC, at the Federal University of Northern Tocantins - UFNT, during the period from August 2022 to August 2023, through a critical-reflective analysis. It aims to convey a personal and academic experience over a year of participation in the program, as well as experiences and setbacks in the face of learning throughout the process. The narrative represents the Final Course Work, as provided for in the Pedagogical Political Project of the institution, in the format of a critical-reflective memorial. The explanation begins with self-identification, a description of what the program is, and then proceeds to describe the unfolding process, from entry into the program and research results; ending with a brief analysis of the activities developed and the experience provided by the program.

Keywords: PIBIC; productive backyard, Maria da Ilha, memorial

## 1. APRESENTAÇÃO PESSOAL / TRAJETÓRIA

Chamo-me Pablo Henrique, tenho (no momento de tessitura deste relato) 21 anos, preto e morador do setor alto bonito, na região periférica da cidade de Araguaína, no norte do Estado do Tocantins. Minha história tem como ponto de partida, inicialmente, a união entre meus pais, ambos de Araguaína, que se estende após a descoberta da gravidez por minha mãe da primeira filha – Ramella - ainda nos seus 18 anos, e aos 17 de meu pai. Dada a condição econômica de ambos no momento a situação seguiu desfavorável. Osiel Ferreira, com escolaridade até a 5ª série, se torna pedreiro; Meiry, com ensino médio completo, passa a trabalhar como esteticista, tendo que dividir o pouco lucro com a mãe. Assumindo responsabilidades logo cedo, passam a morar de favor em um bairro afastado do centro urbano. Em 1998 tiveram um segundo filho, Alexander, em 2002 o terceiro – eu - ano também em que adquirem a casa própria, agora dentro da cidade; e logo mais em 2009 tem a quarta e última filha, Renata. A situação complica ainda mais em meados de 2011, quando iniciam o processo de separação. Minha mãe permanece com a guarda dos quatro filhos, sustentando-os com o pouco que recebia e anos depois com a pensão que o ex-esposo passa a pagar.

No decorrer de meu crescimento, apesar das adversidades, sempre prezei pelos meus estudos, com grande apoio de meus pais, afinal, somente através da educação víamos a possibilidade de um futuro favorável. Após o término do ensino médio, em 2019, entro em um dilema que de antemão ainda não me perturbava: enfrentar um curso superior e trabalhar ou somente trabalhar? Dadas as condições, vi que não teria qualquer outra oportunidade senão as já postas sobre a mesa. Por fim escolhi seguir numa graduação, porém vi que devia afunilar mais ainda minhas opções: 1º - um curso que enquadrasse a nota que alcancei no Enem ainda aquele ano, já que tinha em mente que não conseguiria me dedicar mais um ano aos estudos para realizar a prova novamente e alcançar uma nota mais considerável; 2º - em universidade pública, visto que não conseguiria custear mensalmente em uma particular; 3º - tinha que ser na cidade em que resido, já que também não poderia arcar com os custos de residir em outra cidade; e por último, um curso com o qual tivesse afinidade.

Já aqui, entendia que não possuía muitos fatores a meu favor. Eu, um jovem negro, com uma ancestralidade negra, provindo da classe trabalhadora e, portanto, requerido por ela para sustento e ainda morador de uma região periférica. Através da interseccionalização dessas características, me vejo alocado em uma multiplicidade de sistemas de opressão que comumente

não favorecem aos pertencentes de esferas marginalizadas o ingresso e permanência em espaços de produção e formalização do conhecimento

Nesse cruzar em que me encontro, a reprodução dessas desigualdades sociais previamente nivela-me em um ponto mais abaixo em uma “pirâmide social de privilégios”. Consequentemente, passo a ser submetidos a exclusões em espaços de poder e de formação epistemológica e política, nesse caso a própria universidade. Entendendo esta não só como locus de produção científica, mas também como uma esfera historicamente excludente, racista, sexista e eurocentrada, onde por meio de títulos acadêmicos permite a ascendência dos seus, principalmente econômica.

Dada as possibilidades (dentro dos quesitos citados anteriormente) na então Universidade Federal do Tocantins – UFT, com campus na cidade que resido, escolho o curso de História como primeira opção, tanto por possuir relação de familiaridade já no ensino básico, quanto por entender a importância dos temas abordados dentro de sua estrutura curricular. Por meio do Sistema de Seleção Unificado – SISU e cotas raciais, consigo a vaga, iniciando logo mais no primeiro semestre de 2020.

Ao limiar da formação, gradualmente passo a me identificar com as pautas defendidas e abordadas pela universidade, entre elas acabei me identificando nas pautas de ensino, raça e classe, que a licenciatura em História, em específico, tem discussões mais amplas e aprofundadas dentro das temáticas, e que colaboram bastante para o lado social e institucional da formação. Pautas que logo mais passam a permear também as ideias que tenho quanto as propostas para o trabalho de conclusão de curso.

No segundo semestre da graduação, em 2020, visando me engajar o máximo possível dentro da universidade, consigo vaga para o Programa De Bolsa Em Iniciação à Docência – PIBID. No limiar do projeto trabalhei, junto a outros acadêmicos, um projeto que visava estudar métodos de utilizar a fotografia como objeto de rememoração ao passado, no âmbito da sala de aula em uma escola de Araguaína. Nele permaneci por 18 meses, finalizando em dezembro de 2021. Em 2022, no quinto semestre do curso, recebo o convite para concorrer a vaga de bolsista, agora em um Programa de Bolsa em Iniciação Científica – PIBIC, o qual permeia este relato e com traços que destrincho a seguir.

## **2. PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – PIBIC/CNPq**

Programas em iniciação científica tem por objetivo a realização de uma pesquisa acadêmica orientada ainda na graduação, bem como, estimula a prática da pesquisa experienciando um leque de novos conhecimentos para o graduando. Nesse âmbito, a Iniciação Científica é entendida como espaço destinado à investigação e produção do conhecimento, proporcionando ao discente contato direto com pesquisas, metodologias, instrumentos metodológicos, autores e análises acerca de suas respectivas produções (COSTA, 2022).

Os programas de iniciação partem como iniciativa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), visando estimular a participação de estudantes de graduação em projetos de pesquisa vinculados às linhas de pesquisa das instituições de ensino e dos professores orientadores. O (s) projeto (s) de pesquisa e plano (s) de trabalho (s) do bolsista (s), idealizados pelos professores da instituição, são analisados e selecionados observando relevância e contribuição para a formação qualificada, para a ciência, tecnologia e a inovação, bem como para o desenvolvimento científico e tecnológico do país.

Aos selecionados cabe então dentro do período de doze meses desenvolver o projeto de pesquisa específico junto ao orientador. De acordo com Pires (2008, p. 32), essas iniciativas são de séria relevância, uma vez que acredita que “para que a universidade continue a produzir conhecimento, precisa estar sempre formando pesquisadores” e desse modo “sabe-se que é no jovem estudante que mora o maior potencial de criatividade, essencial à inovação”.

A imersão do discente no ramo das ciências atribuem aos alunos a responsabilidade quanto a elaboração de um projeto científico, assim como seu andamento através dos procedimentos metodológicos necessários, amparados por um professor orientador especializado no campo estudado. Bianchetti (2012, p. 572), pontua, além da importância do programa na totalidade, o modo como este se manifesta como “privilégio” disposto aos bolsistas, uma vez que oferece

[...] a preparação do graduando para dar continuidade aos seus estudos e pesquisas em nível de PG, criando aquilo que Cury (2004) denomina de uma “relação virtuosa” entre os níveis da graduação e da PG. Esse aspecto passa a constituir-se em um fator de distinção entre os concluintes da graduação e que se candidatam ao mestrado ou doutorado.

Ou seja, em muitos dos casos o contato inicial, oferecido através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC, com a pesquisa, pode se colocar como um fator de continuidade na permanência do acadêmico dentro da universidade, levando em

conta também bolsa financeira oferecida, que permite ao bolsista custear algumas necessidades rotineiras dentro e fora da universidade, que por consequência tende por diminuir as taxas de evasão dentro das graduações.

Ainda assim, o incentivo ao interesse pela carreira científica, facilita o ingresso dos estudantes em programas de pós-graduação, uma vez que o programa o familiariza de antemão com a sistematização e produção de conhecimento durante a vigência da bolsa, fornecendo a chance de publicar artigos científicos, participar de eventos acadêmicos e integrar redes de colaboração com outros pesquisadores, além de fornecer ao professor e ao acadêmico um currículo mais diverso e especializado com o término do programa.

Esse processo de construção de um novo pesquisador requer reflexão e criticidade perante o que está sendo investigado, portanto, exige um trabalho coletivo entre orientador e orientando, em virtude da carência de conhecimentos profundos dos métodos utilizados durante a apuração de dados (observação, trabalho de campo, análise e síntese do que foi investigado) e também da compreensão e a importância das práxis (teoria e prática). (BIANCHETTI, et al.; 2012, p. 573)

A importância do PIBIC é reconhecida não só pela comunidade acadêmica, mas também pelo mercado de trabalho, levando em consideração que o programa proporciona aos estudantes uma experiência prática e teórica na área de pesquisa selecionada, de modo consequente permite aos bolsistas adquirirem competências e habilidades valorizadas pelas entidades empregadoras, tais como: capacidade de resolver problemas complexos; domínio de métodos e técnicas de pesquisa científica; conhecimento aprofundado sobre tema específico estudado; desenvolvimento da comunicação oral e escrita; trabalho em equipe e interdisciplinaridade; ética e responsabilidade social.

## **2.1. DA SELEÇÃO NO PROGRAMA**

Como citei anteriormente, durante o quinto período da graduação, em 2022, recebi o convite para participar de uma seleção de alunos a ingressar no PIBIC, com objetivo de realizar uma pesquisa junto ao professor Dr. Darnival Ramos. A proposta elencada era fruto de um projeto mais amplo, já em andamento, o foco era realizar inventários ecológicos em quintais produtivos localizados em um reassentamento a 30 quilômetros da área urbana de Araguaína. Sendo este composto por determinada comunidade deslocada de seu local de origem em função da construção da usina hidrelétrica de Estreito, Tocantins.

Ou seja, a realocação de uma sociedade camponesa, sobretudo negra, que vive da força de trabalho em suas terras e que é desapropriada para fins comerciais, onde para não perder a memória de suas origens transportam o pouco que lhes resta para o novo terreno e junto a isso mudas de plantas frutíferas, medicinais e ornamentais outrora abundante em suas vidas. Configurando esses quintais não somente como espaço biodiverso, mas também como ambiente de memória, fruto da tradicionalidade e da ancestralidade dos seus.

A bolsa, no período de R\$ 400,00 (quatrocentos reais), foi honestamente o que me chamou a atenção inicialmente, tendo em vista que auxiliaria bastante na permanência dentro da universidade. No entanto, após entender a delimitação do tema e os objetivos, compreendi a profundidade da discussão a ser elaborada. A afeição pela temática me vem principalmente na figura do professor Dernival, que me fez o convite, justamente por trazer em suas disciplinas estudos antropológicos afro-centrados e decoloniais em nossos debates em sala; e também pela professora Sariza Venâncio<sup>1</sup>, que acompanhou e incentivou o estudo pelo tema. Ambos sempre valorizando o olhar sem pré-conceitos, expondo sistemas de opressão e repressão contra as minorias e deixando claro a necessidade de luta e organização dos integrantes desses grupos, incluindo os próprios alunos como sujeitos agentes dentro dessas discussões.

No início do sexto semestre, após o período de seleção, recebo a notícia que consegui adentrar ao programa. Assim damos início imediato aos trabalhos, descritos logo nos tópicos seguintes.

### **3. DA PESQUISA: “INVENTÁRIO ECOLÓGICO EM QUINTAL PRODUTIVO DO REASSENTAMENTO MIRINDIBA – ARAGUAÍNA-TO”**

A pesquisa em questão parte de um projeto mais amplo, já em andamento, que buscou inventariar quintais do reassentamento Mirindiba, localizado a 30 quilômetros da área urbana de Araguaína, Tocantins, sentido BR-153; e entendê-los como espaços biodiversos, de memória e resistência daqueles que os mantêm. Assim, o recorte feito para minha participação durante o PIBIC, fora de realizar inventário ecológico em apenas um quintal produtivo, pertencente a uma das lideranças do movimento contra a construção da barragem de Estreito-MA, que em julho de 2010 força o deslocamento de, em torno, 7500 famílias durante o processo de construção da

---

<sup>1</sup> Doutora em Antropologia Social (UNICAMP, 2019) - Professora do colegiado de História e do Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território da Universidade Federal do Norte do Tocantins.

obra. A maioria delas foi indenizada com uma carta de crédito, cerca de 80 famílias foram reassentadas e aproximadamente 1150 famílias ficaram sem nenhum tipo de compensação<sup>2</sup>.

O quintal a ser inventariado é de propriedade da senhora Maria dos Anjos Nunes, popular e politicamente conhecida como Maria da Ilha. Moradora da Ilha de São José, que ficava localizada entre os municípios de Babaçulândia-TO e Estreito-MA, as margens do rio Tocantins.



Imagem 1: Visão da antiga ilha de São José - 04/2010. Fonte: Google Earth Pro (2023).

Assim como as demais famílias residentes da Ilha, Maria possuía características camponesas de viver, sustentando-se através do plantio de espécies, extração de coco babaçu, da criação de animais e de relações comerciais com regiões centrais próximas a Ilha, como Babaçulândia e Estreito.

A perda das terras se forma num processo demorado, onde ainda em 2004, funcionários da empresa CESTE iniciaram um levantamento com os habitantes da ilha informando acerca da construção da barragem e prometendo melhoria de vida e ressarcimento as famílias (Maria da Ilha, 2013). De acordo com Santos

“De 2003 até 2010, durante o processo de construção da hidrelétrica, foi propagado que o projeto iria trazer melhores condições de vida para todos. Esse discurso, foi defendido e divulgado por meios de comunicação locais e pelos responsáveis pela negociação (SILVA JÚNIOR, 2014), levou muitos moradores a aceitarem como “verdade” que teriam mesmo saúde, escola e que seriam beneficiados com o “progresso” vindo da construção da hidrelétrica. Pois o discurso levado aos moradores da Ilha, criado a partir de uma memória nacional, estabelece uma relação entre ações anteriores do Estado e desenvolvimento. (SANTOS, 2020, p.21)

Durante o intervalo, Maria atuou de forma pioneira junto a outros indivíduos da ilha contra a construção da barragem. Porém em meados de 2010, as famílias residentes da ilha

---

<sup>2</sup> Números fornecidos pelo MAB. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/35537-usina-deestreito-e-seus-impactos-socio-ambientais-entrevista-especial-com-cirineu-da-rocha>

tiveram suas terras tomadas pela Consórcio Estreito Energia – CESTE (responsável pela operação da Usina Hidrelétrica Estreito) que fechando as comportas deu início a inundação dos territórios próximos à barragem, impossibilitando os moradores de permanecerem ali.

Assim, quando não mais possível a luta por seu território de origem, tomou frente na luta pela indenização e pelos direitos das famílias atingidas diretamente pela obra. O programa de compensação, fornecido pela empresa, ressarcia algumas das famílias que lutaram para garantir direito a indenização e a terra. Fruto da luta de Maria e lideranças locais, a escolha do território feita por ela deu forma ao reassentamento Mirindiba, onde 13 famílias receberam cerca de 40 hectares de terra, e outras 06 receberam 12 hectares. A área do reassentamento compunha-se por espaços ambientalmente degradados, usados como pastagens e capoeiras, nelas as famílias reassentadas tiveram de investir trabalho árduo, tanto para reorganizar seus costumes como para subsistência, através do plantio de espécies diversas e da criação de animais.

Durante a análise de dados e produções de fases anteriores do projeto, como o texto, “Geopolítica das Usinas Hidrelétricas, Lutas por re-existência e Pedagogias da colonialidade na Amazônia do Tempo Presente” (Ramos. 2020), fez se cada vez mais explícito a questão do deslocamento compulsório e de sua relação com as histórias de vida dos sujeitos. Assim, surgiu a necessidade de pensar em como se formavam as estratégias de re-existência no qual as comunidades reassentadas e seus ocupantes re-construíram os modos de vida através da reconstrução da comunidade (PORTO-GONÇALVEZ, et al. 2019). Nessa tentativa de reconstruir o modo de vida se destaca a composição dos quintais produtivos. A partir dessa linha, a pesquisa realizada durante minha vigência no programa toma forma. O quintal gerado por Maria da Ilha e sua família, bem como os demais assentados, apresenta características de quintais produtivos, baseados em uma vasta variedade biológica e de relação estreita com fauna e flora local.

Contextualizando, os quintais produtivos, ou agroflorestais, são espaços de produção de alimentos, e caracterizam-se por serem espaço de biodiversidade abundante (ALMEIDA e GAMA, 2014) se comparados a espaços de pastagens e áreas de produções agrícolas tradicionais. Dessarte, em áreas anteriormente danificadas são usadas agora como quintais de plantio sustentável, funcionando então como locais de aglutinação de espécies vegetais e animais de diversas categorias de uso humano, como alimento, remédio, usos simbólicos; bem como favorece a troca de saberes e de variedades entre a própria comunidade.

### 3.1 DA ENTREVISTA

Em um primeiro momento, o professor Dernival, como orientador e por ter contato direto com a fonte, parte por articular com Maria da Ilha um momento em que pudéssemos realizar uma entrevista para que ela nos contasse sobre seu espaço e também para realizarmos a inventariação das espécies presentes no quintal. Assim que obtivemos resposta e confirmação de disponibilidade de Maria em nos receber nos organizamos para partimos até sua residência em 06 de agosto de 2023.

Assim que chegamos fomos recebidos por Maria, seu esposo Leonardo e sua filha Raquel. Depois da recepção e de uma água bem gelada, partimos para realização da entrevista, sendo essa guiada pelo professor Dernival, seu outro orientando Josiel<sup>3</sup>, e eu; além da professora Sariza que nos acompanhou na ida e no início da entrevista.

Utilizamos para a entrevista o método de “caminhada transversal”. Ao mesmo tempo em que entrevistávamos, nos movíamos pelo quintal enquanto Maria nos fornecia detalhes sobre as espécies, de onde vieram e seus usos em potencial. Buscamos entender e questionar Maria como ela entende seu próprio espaço para a partir daí questiona-la sobre o quintal em si. Diferente do que tradicionalmente entendemos por quintal: terreno com horta junto de uma casa ou habitação. Por ser uma chácara de tamanho médio, Maria afirma como quintal não só o espaço com plantas que entornam a residência, mas também toda a área verde plantada por ela, até mesmo a plantação de mandioca localizada mais a extremidade que utilizam para consumo e produção de farinha.

“É tanto parte do quintal como é do alimento [...] Essa que faz mais parte do quintal. Produtiva e irresistível né!” Maria da Ilha, entrevista realizada em 06/08/23.

Além das outras espécies que cita ter trazido da Ilha, algo em torno de 30 tipos de variedades diferentes para plantio no novo terreno e estimando ter mais de 200 espécies distintas no quintal. A grande variedade de plantas é formada tanto por mata nativa – plantas já presentes antes de sua chegada – quanto por mudas trazidas diretamente da ilha onde residiam, ou por amigos e familiares que visitam o local.

---

<sup>3</sup> Aluno do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Território – UFNT, 2023.



Imagem 2 – Maria da Ilha, proprietária do quintal. Entrevistada. (06/08/2022). Fonte: Sariza Caetano



Imagem 3 – Registro da entrevista no quintal de Maria. (Da esquerda para direita - Maria da Ilha, Pablo, Dernival e Josiel). (06/08/2022). Fonte: Sariza Caetano

Ao termino da entrevista e desligamento do aparelho de gravação, partimos por realizar a contagem de espécies presentes no quintal. Enquanto eu contava as espécies em torno apenas da casa, Josiel e Dernival contavam as demais na extensão do quintal. Finalizando, fizemos um lanche e agradecemos a contribuição e participação de Maria e de sua família.

### 3.1 DOS RESULTADOS

Após realizada a entrevista, fiquei responsável pela transcrição do áudio. Processo esse um tanto demorado, já havia realizado um trabalho de áudio-transcrição anteriormente, porém de muito menos tempo, o feito por nós possuía cerca de 1 (uma) hora. A condição do áudio também pode ter sido um percalço, em alguns momentos me deparava com ruídos, uma vez que fizemos a entrevista ao ar livre e enquanto caminhávamos pisávamos em folhas, galhos, etc. Além disso, nenhum de nós durante a entrevista se muniu de qualquer formalidade para falar, até mesmo para termos um diálogo mais próximo com Maria, que também possui uma linguagem mais comum e com termos que por vezes não conseguia identificar. Todavia, após horas transcrevendo e revisando minuto a minuto, num prazo de três semanas consegui finalizar a etapa.

Assim sendo, o próximo passo dado se dá quando ao estudo teórico e metodológico de pesquisadores e pesquisas que fazem conexão com o recorte da pesquisa, além dos conceitos

ligados a esta, como “quintal produtivo”, “comuns”, “oralidade”, “territorialidade”, “re-existência”, “História ambiental”, etc. Entre os textos alguns exemplos como “Ecologismos dos pobres” de Juan Martinez Alier; “Para fazer História ambiental” por Donald Woster; “Da reprodução social da unidade familiar camponesa: um estudo de caso no vale do Tocantins” próprio do orientador Dernival junto ao prof. da UFPA Harley Silva; “Diversidade florística do estrato arbustivo-arbóreo em quintais agroflorestais do reassentamento Mariana–TO” por Ícaro Gonçalves Santos; e entre outros.

Dando continuidade, unindo os dados obtidos com a contagem e com a entrevista, para fim de tabulação, optamos por dividir as plantas em categorias específicas: medicinais, alimentares, madeira, ornamentais e cerimoniais. Quanto aos dados analíticos, formulamos a seguinte base de dados:

**Tabela 01 - Inventário de espécies do quintal de Maria da Ilha e Leonardo (cônjuge)**

<b>Categoria</b>	<b>Espécies</b>	<b>Quantidade de espécies</b>
Medicinais	Aroeira, Sangra D’agua, Mucuíba, Imbaúba, Cachorro pelado, Algodão, Gervão, Gengibre, Pau De Leite, Negra mina, Cidreira.	11
Alimentares	Bacaba, Buritirana, ora-pro-nóbis, castanha do Pará, bacuri, abacaxi, sapucaia, morango, pepino, seriguela, jatobá, cará, açafão, ameixa, cipó de alho, cana de açúcar, cajá, cajá manga, taioba, laranja, limão, mexerica poncã, mexerica, limão galego, abacate, açai, amora, acerola, jaboticaba, manga, tamarindo, coco, pitanga, carambola, cupu, cacau, café, ata, murici, pequi,	53
	Jamelão, uva, mamão, maracujá, caju, cajuí, goiaba, graviola, pimenta do reino, banana, pitomba, inhame, mandioca.	
Madeira	Aroeira, Cuité, Castanha do Pará, Jatobá, Cedro.	05
Ornamentais	Espécies de flores e folhagens ornamentais (ela não sabe os nomes)	119
Cerimoniais	Espada de São Jorge, Pinhão Verde e Arruda.	03

Com as leituras realizadas e a visita ao espaço, nota-se que o quintal, reunindo e articulando espécies animais e vegetais, garantem à família o acesso a uma variedade de recursos que importam principalmente na alimentação diária do grupo, mas que também impactam na manutenção de laços de reciprocidade com vizinhos, parentes e visitantes (Ramos, 2022). Deduzimos que com a inundação para a construção da barragem, uma enorme variedade de

saberes e fazeres intimamente associados à comunidade local e ao meio ambiente fora parcialmente perdida, assim como uma vasta biodiversidade vegetal e animal. Todavia, nesse âmbito, assimilamos o quintal como uma forma de reprodução de práticas e memórias ligados a ilha. Assim, o ato de plantar e zelar destes espaços, tanto por ela quanto pela família, passam a concebê-lo não somente como espaço biodiverso, mas também como ambiente de rememoração, fruto da tradicionalidade e da ancestralidade dos seus.

Observando a tabela, podemos notar que cada categoria possui importância fundamental dentro da realidade em que se encontram. Quanto as plantas medicinais, por estarem em local distante do centro urbano do município, para a unidade familiar de Maria, mantê-las em seu quintal é de extrema importância. Além de auxiliar no tratamento de pequenas e médias enfermidades, auxiliam no bem-estar diário, como para preparo de chás e garrafadas. Além de preservar o saber e o fazer da medicina comum e tradicional advinda do campo, na forma em que estes conhecimentos são passados de geração a geração.

Não obstante, a abundância de vegetação frutífera também revela a ligação e a necessidade pela vegetação da antiga ilha, uma vez que em períodos específicos de colheita, estes se fazem presente diariamente na alimentação da família. Ademais, estimulam e estreitam relações de cordialidade entre vizinhos, parentes e conhecidos através da doação ou troca dos frutos entre si. As madeiras categorizadas são primordiais para o conjunto familiar, geram sombra para amenização da temperatura local, são utilizados para produção de ferramentas e utensílios, lenha, sendo algumas também usadas na produção de remédios caseiros – como a casca da aroeira, usada em garrafadas para tratamento de infecções, problemas de estômago e entre outros.

A ornamentação, presente principalmente ao redor da casa, compostas por briófitas (plantas de pequeno porte) e pteridófitos (plantas de pequeno e médio porte que não apresentam sementes) cultivadas, em especial, pelo seu valor estético e por memoração do quintal que possuía antes do traslado para o reassentamento. De forma semelhante, as categorizadas como cerimoniais, além do valor estético, funcionam estão ligadas as crenças pessoais da família, atuam como purificadoras e consumidoras de energias densas presentes no ambiente.

Outro ponto relevante a se destacar dentro da tabela se dá quanto a presença de determinadas espécies em duas designações, a exemplo da aroeira, utilizada tanto como madeira para lenha e utensílios como para produção medicinal através da casca da árvore; a castanha do Pará e o Jatobá, também pontuadas como madeira e utilizadas na alimentação quando gera frutos.

A união das categorias que formulam o quintal são ainda mais que uma base para subsistência da família, representam a luta política, em específico, de Dona Maria pelo direito a terra, e na estruturação do quintal a representatividade do que de fato é a preservação ambiental.

E mais, de como pessoas comuns, na tradicionalidade do ser e do fazer, carregam consigo os saberes suficientes para reestruturação de espaços biodegradados, como o próprio território do reassentamento que fora entregue a Maria. Para fim de comparação, podemos observar duas imagens de satélite, sendo a primeira do ano em que recebe a terra junto a residência e a segunda mais recente, na forma em que se encontra atualmente:



Imagem 4: Visão da casa de Maria em julho de 2010. Fonte: Google Earth Pro (2023).



Imagem 5: Visão da casa de Maria em junho de 2022. Fonte: Google Earth Pro (2023).

Comparando as imagens, observasse com clareza a forma em que o ato de plantar e preservar, por ela e pelos familiares no decorrer dos anos, resulta em uma mudança visual drástica tanto no território de maria, quanto no ambiente em torno. O que antes se punha como

pastagens de fazenda para alimentação de gado, com o tempo e cuidado dos novos moradores se transforma num bosque com uma imensidão de espécies arbóreas e arbustivas. Fornecendo tanto condições para sustento da família, como traz novamente o equilibrando do bioma local, aglutinando espécies animais e vegetais, exóticas e nativas num mesmo espaço de forma sustentável e produtiva.

Ou seja, podemos concluir que o quintal produtivo, de propriedade de Maria da Ilha e família no reassentamento Mirindiba, possui rica diversidade e presença farta de espécies, influenciada pelas necessidades de rememoração e reconstrução de uma memória da terra a que pertencia, bem como pelas necessidades familiares e comunitárias do cotidiano. Frisando também a importância do quintal inventariado, tanto no âmbito ecológico, quanto a diversificação desses espaços preservados, que contribuem para a conservação da biodiversidade e conseqüentemente, garantem o bem-estar e segurança alimentar e medicinal familiar.

Outrossim, vale ressaltar a valia de Maria da Ilha e da comunidade do reassentamento como um todo, como pessoas que lutam e que resistem numa realidade em que o simples acesso à terra é vista como regalia e não como direito formal, mesmo que garantido legalmente no artigo quinto da constituição brasileira. Resistência essa simbolizada claramente além da história, na composição do quintal; o fazer político registrado em cada espécie através das memórias e (re) significações que carregam consigo.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Quanto a minha estadia no programa, acredito que toda a experiência e conhecimentos adquiridos no processo me fazem notar a importância de programas de iniciação a pesquisa na vida de um acadêmico da universidade. Além do valor simbólico da bolsa que custeia boa parte das necessidades no período, os contatos com novas pessoas, experiências e ramos de pesquisa transbordam o bolsista de conhecimento e de habilidades práticas e teóricas. Não obstante, elevam o currículo e incitam no aluno o pensamento crítico e alternativo, provocando também a vontade do querer continuar e no prazer de pesquisar e de estar em ambiente universitário.

Outrossim, me faz lembrar a minha trajetória até aqui, onde apesar das poucas alternativas, posso ter certeza de que fiz uma ótima escolha. Vivenciar o campo da universidade através tanto do PIBIC, quanto nas aulas, nas organizações e participações em eventos, minicursos, contato com pesquisadores, viagens, etc; me faz, acredito, um futuro profissional melhor e mais bem qualificado. Portanto, por experiência própria, posso afirmar que a

participação em programas de iniciação à pesquisa, funcionam como um investimento valioso no futuro acadêmico e profissional de um universitário em formação.

## **5. BIBLIOGRAFIA/REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ALMEIDA, L. S. de; GAMA, J. R. V. Quintais agroflorestais: estrutura, composição florística e aspectos socioambientais em área de assentamento rural na Amazônia brasileira. **Ciência Florestal**, v. 24, p. 1041- 1053, 2014.

BIANCHETTI, et al. A iniciação à pesquisa no Brasil: políticas de formação de jovens pesquisadores. **Educação UFSM**, v. 37, n. 03, p. 585-597, 2012.

COSTA, E. da S. A importância da iniciação científica no contexto acadêmico: uma análise do programa PIBIC e da iniciação científica em uma universidade municipal. **Revista Acadêmica Faculdade Progresso**, v. 8, n. 1, 2022.

PIRES, R. C. M. **A formação inicial do professor pesquisador universitário no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq e a prática profissional de seus egressos: um estudo de caso na Universidade do Estado da Bahia**. Porto Alegre, 2008. 355 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter et al. Terra em Transe: geografia da expropriação e da r-existência no campo brasileiro, 2018. **CPT NACIONAL, Conflitos no campo: Brasil**, p. 93-121, 2018.

RAMOS, D. V.; SILVA, H.; LUCENA, M. Geopolítica das Usinas Hidrelétricas, Lutas por reexistência e Pedagogias da colonialidade na Amazônia do Tempo Presente. Em: **Coleção História do Tempo Presente**, Vol. 03. [s.l.] UFRR, 2020. p. 263–286.

RAMOS, D.V.; SILVA, H. Da reprodução social da unidade familiar camponesa: um estudo de caso no vale do Tocantins. **Estudos, Sociedade e Agricultura**. v. 30, n. 2, p. 2230202-e2230202, 2022.

SANTOS, J. **Ilhas de Histórias: Memórias e Narrativas da Comunidade da Ilha de São José**. 2020. 65 p. Dissertação de graduação — Universidade Federal do Tocantins. Araguaína, 2020.